

O DOMINGO



ORGÃO DO PARTIDO REPUBLICANO PORTUGUEZ

Assinatura

Ano. 1\$: semestre. \$50. Pagamento adiantado.
Para fóra: Ano. 1\$20; semestre. \$60; aviso. \$02.
Para o Brazil: Ano. 2\$00 (moeda forte).

DIRECTOR POLITICO-DR. MANUEL PAULINO GOMES
PROPRIETARIO E ADMINISTRADOR-JOSÉ AUGUSTO SALCIO

REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TIPOGRAFIA

(Composição e Impressão)
RUA CANDIDO DOS REIS — 126, 2.º
ALDEGALEGA

Publicações

Anuncios. \$04 a linha.
Anuncios na 4.ª pagina. contrato especial. Os autógrafos não se restituem quer sejam ou não publicados.
EDITOR—HENRIQUE BALDICO TAVARES
SECRETARIO DA REDACÇÃO—JOAQUIM MARIA GREGORIO

ASSUNTOS DE INSTRUCCÃO

As Escolas Primárias Superiores

São factores poderosos de educação popular

Tem-se feito e continúa ainda, por parte de certa imprensa, uma campanha contra os institutos de ensino, que nos servem de epigrafe, campanha que deixa transparecer uma grande má vontade, como causa principal, senão a única, do descrédito que lhe apregoam e da inutilidade em que as têm.

Tal a teimosia e falta de argumentos, com que se caracteriza.

Nós aqui, longe do tumultuar mais rijo e mais acceso de paixões, sem estarmos á espera de ser governo. e coisa ainda melhor, sem ligações partidárias que não temos, asquais raras vezes impõem opiniões, vemo livremente os factos e tambem nos permitimos a liberdade de fazer-lhe a crítica, em face dos nossos conhecimentos e convicções.

Dando ás coisas o valor que elas têm, vemos nas escolas primárias superiores factores, muito poderosos, como modificadores do meio, assinando-lhes o incontestavel merecimento de difundirem a instrução, educando as camadas populares, para as quais é defeso, por falta de recursos materiais, a frequência doutras escolas.

Até ao momento presente, ainda não li um argumento, digno deste nome, para, já não digo condenar as escolas primárias superiores, mas pelo menos as colocar ao lado de outras escolas, contra cuja existencia nunca ninguém se insurgiu, e que para muito menos serviam!

E, tome-se nota, que escritores de alto coturno, (cujas produções estou habituado a ler), dos que se julgam com merecimento real, se lhes têm atirado!

Para uns «as escolas pri-

márias superiores morrem por falta de frequência, se antes não houver uma providencia legislativa, que as elimine ou modifique»; para outros: «ha 8 ou 10 anos estariam bem, viriam a propósito, mas hoje já não; agora são as escolas profissionais as que se impõem como uma primeira necessidade.» Mas onde estão as razões?

Eu não as vejo. Deverá ser assim porque alguém o diz; é quanto se tira dos escritos que tem visto a publicidade e que nos têm caído debaixo dos olhos. A doutrina do «magister dixit» fez o seu tempo e hoje são precisas razões, e estas é que ninguém vê; pois por falta de prosápia não é.

Quem não apresenta razões em assuntos d'esta ordem, é porque não as tem. Empenhados, como andam os escritores de certa imprensa, em denegrir, amesquinhar, inutilizar a obra democrática, se a não atacam com factos, e se limitam ás frases ócas e vazias de sentido, é com o fim de alimentarem o ódio que entendem conveniente que continui, e, com o farfálho apontado, á mingua de argumento de peso.

Coisa que merece registro: ainda não vieram os argumentos da necessidade de economias, para condenar estes meios de educação popular, e afinal, já se poderia ter lançado mão de mais este reforço de ideias, para oferecer áquelles, que não sabem onde, e como se gasta o dinheiro no nosso paiz, mas que aceitam como bom tudo, absolutamente tudo, quanto dizem os dirigentes do seu partido!...

As secolas primárias superiores, que no meu mo-

do de ver representam uma concepção feliz do legislador que as instituiu, e um acto acertado do ministro que as criou, tem um plano de estudos que realiza a educação integral; isto é, ao mesmo tempo que fornecem aos seus alunos os conhecimentos que ensinam a viver (educação intelectual), promovem o seu desenvolvimento somativo ou anatómico e funcionamento normal do organismo, fazendo cidadãos robustos (educação física).

E perguntarei, em que escolas portuguezas se faria isto? Que eu saiba apenas nos liceus. Mas quem pode mandar hoje os filhos para estes últimos estabelecimentos, excepção feita dos residentes nas capitais de distrito ou localidades onde os haja, a não ser quem disponha de meios pecuniários relativamente consideráveis?

Então será justo condenar a parte mais importante (por ser a mais numerosa) da população metropolitana á ignorância, por capricho de quem quer que seja? Se esta é ignorante é porque não lhe tem ministrado conhecimentos; se não produz, é porque não a tem educado e preparado para o trabalho produtivo. De modo que, se as escolas primárias superiores são ainda imperfeitas, estes illustres patriotas da campanha de certa imprensa, fariam melhor obra, pela qual o povo portuguez lhes ficaria imensamente grato, notando-lhes as faltas, as imperfeições para serem corrigidas, e nunca perdendo tempo com meias palavras, que não conseguem esconder desígnios torpes e baixos, porque são ruins.

Quem estas linhas escreve é professor de uma escola primária superior—a de Mangualde—e médico que tem muita clinica. Não se pense sequer, que é o interesse pecuniário, que lhe dirige a pena; não, o tempo decorrido já é o bas-

tante para lhe mostrar que a escola o prejudica, pelo excesso de trabalho que lhe traz. As razões, que o convidam a vir dizer tambem o que pensa e como pensa, são nascidas dum sentimento nobre e elevado—o seu patriotismo,—e baseadas todas na observação: por um lado a campanha contra as escolas primárias superiores, pela maneira como é feita, parece dirigir-se, só ás pessoas que nada entendem d'estes assuntos de educação e instrução; por outro vejo já o resultado pratico da abertura da escola onde tenho a onra de ser professor.

Em todos os cursos ha alunos que não estudam quasi nada, ao lado de outros que capricham em apresentar-se bem, com as suas obrigações escolares cumpridas. E na escola, a que já me referi, ha representantes das duas categorias. Pois bem, os cábulas, os primeiros parecem já outros.

Deixando-se influenciar pelo meio em que vivem, são uns belos alunos de educação física, que os atrai, que os seduz: corrigem os seus habitos e costumes atendendo aos exemplos e conselhos dos seus professores, cuidando da educação moral tambem; e, marcando menos progressos na aquisição de conhecimentos scientificos, alguns contudo vão manifestando, devido ás explicações dos professores e convivio com os condiscipulos.

Em conclusão: as escolas primárias superiores representando a satisfação de uma necessidade popular, trazem um numero avultado de vantagens para a população, que gosa já do privilegio de as possuir.

A campanha, pois, a que me venho referindo, muito ao contrario do que pensam os seus promotores, será estéril, absolutamente estéril.

O povo vai aprendendo, á medida que se frequentam as escolas que se vão

abrindo; e mais tarde, não dispensará as escolas primárias superiores, ou outras melhores.

E, terminando, direi aos illustres escritores, que tanto entendem, estudam e se interessam pelas questões de educação, que nas minhas relações com o povo, tenho notado que elas são os elementos considerados. EDUCAR, EDUCAR SEMPRE, por todas as maneiras possiveis, eis a primeira preocupação que devem ter todas as pessoas cultas e governos. Está bem á vista, na Europa, o triste resultado da falta de educação de um povo, que saiu de uma autocracia política para uma democracia, o mais avançada possivel!...

Ou não é verdade?!

Lopes Muniz,
MÉDICO

A verdadeira educação

Sobre educação popular, escrevia ha tempos um nosso colega:

«D'este modo é um dever apelar-se para todas as energias do nosso Paiz e para a imprensa que chamemos os dirigentes a olharem com verdadeiro interesse para este importante e capital assunto, que é, ao mesmo tempo, um grave perigo a solucionar quanto antes, esperando que se entre n'um caminho sério e honesto, nada flagrante com o bom senso, razão e justiça que é lícito esperar de governantes e governados».

Como se trata de chamar a atenção do povo para a conveniencia de enveredar pelo caminho da justiça, estamos de acôrdo. Com o que, porém, não estamos d'acôrdo, é com a negação d'este desejo de que dá mostras esse mesmo colega que insere em quasi todos os seus numeros variadas noticias de touradas e outras quejandias inutilidades, que só servem para perverter o sentimento e deseducar esse mesmo povo que o aludido jornal tanto dezechava que entrasse «n'um caminho sério e honesto».

J. Fontana da Silveira

«O Seculo» não está satisfeito

O «Seculo» vem, ha dias, denunciando uma série de abusos bem dignos dos tempos que vão correndo. Terá ele razão em tudo quanto explica aos seus leitores?

O «Seculo» nem sempre tem defendido a Republica e os seus principais elementos, pois que no periodo sidonista, fartou-se de fazer «tagatés» aos dezembristas. Muito serviu ele a seita dezembrista, sem ter uma palavra de respeito para com os democraticos, os mais perseguidos pela quadrilha de cujas roubalheiras o paiz se está resentindo, e ha de sentir-se por muito tempo. Porque não reclamou o «Seculo» durante esse periodo, tão nefasto para o paiz, das doidices praticadas, e só agora vem perante o público esclarecer o que já devia ter esclarecido, pois que as roubalheiras praticadas pela Moagem não são d'agora mas sim do tempo da Monarquia, e que os governos da Republica não tiveram força para reprimir? Todo o paiz sabe que a Moagem foi sempre um barranco com que todos os governos esbarraram. E esbarraram porquê? porque todos se têm servido d'ela para fins inconfessaveis.

O «Seculo», segundo, se diz por Lisboa, esperava umas luvasitas d'uns duzentos contos; mas, como a Moagem já tinha jornais de mais, entendeu que podia prescindir do jornal de maior circulação em Portugal pois que os verdadeiros republicanos, de ha muitos anos pouca importancia lhe ligavam por verem n'esse jornal um verdadeiro balcão. E' muito possivel que o «Seculo», d'esta vez, tenha alguma razão; mas a sua campanha, não produzirá os efeitos desejados porque todos vêem n'ela um verdadeiro despeito...

Que a desmoralização é grande, não resta dúvida; que os governos são impotentes para pôrem cõbro a êste desmanchar de feira, também é certo; mas não é «O Seculo», o jornal da ocasião para fazer com que a opinião pública lhe siga o rastiho...

Diz «O Seculo» verdade, e verdades amargas, que todo o público conhece, não como ele as relata, mas o necessario para se saber que Portugal está

A' viola

Na carta que eu te mandei,
Na carta que te escrevi,
'stão mil beijos de saudade,
'stão mil beijos para ti!

Pensamento

Nada são os tezuoros e as riquezas em comparação da sabedoria; todo o ouro, a respeito d'ela, é uma pouca d'arcia.

Nota semanal

No tribunal:
— Como se chama?
— «Manel Impólito».
— De quem é filho?
— De pais «incólicos» e desconhecidos.
— O seu estado?
— Um pouco mal do «estâmego» por ainda não ter almoçado, sr. juiz.
— Quando nasceu?
— Devia ter sido ahi por 30, 31 ou 32 de fevereiro d'um ano que já passou ha muito tempo.

debaixo de mão falperra de ha muito tempo.

A quadrilha de ladrões, assassinos e bandidos que «O Seculo» aponta foram os seus amigos d'outros tempos; e, agora, tornaram-se os verdadeiros inimigos da sociedade. Mas isto vai muito bem; para a frente é que é o caminho; retroceder, depois de encetar o campo, era uma cobardia e «O Seculo» demonstrou sempre ser um valentão. Isto deve ser o começo do fim.

J. Castela.

Comentarios & Noticias

A hora oficial

Foi determinado superiormente que a hora legal seja, de 29 do corrente para 1 de março próximo, adiantada sessenta minutos.

o Carnaval

A' parte alguns bailaricos o Carnaval passou, n'esta vila, sem que se d'esse por ele. E antes assim. Ele é tão porco e malcriado!

Trabalhadores rurais

Para aprovação da acta da última sessão, apreciação do parecer da comissão revisora das contas, eleição de novos corpos gerentes e discussão de assuntos de interesse colectivo, devem reunir no próximo dia 25 do corrente, pelas 20 horas, na sede d'aquella colectividade, os trabalhadores rurais ali associados.

Velharias que se repetem.

E' interessante, ás vezes, occupar-se a gente da leitura de coisas antigas, para nosso ensinamento e para ensinamento d'aqueles que nos lerem. O caso a que nos vamos referir é symptomático e, por isso, o aproveitamos. Havia antigamente o costume, então muito em voga, de se onerarem alguns bens com pensões várias entre as quais as de missas. E, assim, dum antigo edificio, lêmos nós que se achava onerado com a «pensão de vinte e seis missas d'esmola de cincoenta réis cada uma, por alma d'um Defunto e cuja esmola d'ordinário reverte em favor do Hospital de S. José por não ha-

Instantâneos

Pelo próprio titulo d'esta modestissima secção se vê que nunca me preocupa o assunto em que a hei de basear. Não o medito nem o procuro. Saem-me da pena correntiamente e só me preocupo com a secção quando delibéro escrevel-a. Bem vêes, por isso, que, não tendo nunca assunto especial a tratar, tenho, no entanto, sempre alguma coisa que dizer. E, depois é tão facil arranjar assunto: basta pegar num jornal diário e fixa-lo. Dia a dia se nos apresentam motivos de litteratura ligeira que facilmente se podem transplantar para aqui. Mas o meu fim principal é avivar a tua sentimentalidade em face do que vai por este negregado mundo, collocando-me, a mim e a ti, num mundo superior, fóra por completo d'este «mare-magnum» de insidias em que vivemos e em que mesmo tu te deixas envolver inconscientemente ou instintivamente. O meu desejo único é explicar-te a soma de incoerencias que vegetam sobre a terra, a relatividade moral de todos os que fazem parte d'esta sociedade e a proporcionalidade por que devem ser encarados os sentimentos humanos. Tudo é relativo no orbe terráqueo. A bondade como a maldade; a afeição como a antipatia; o amor como o ódio; a honestidade como a deshonestidade; a nobreza como a baixaza. Toda a gente é bôa e toda a gente é má; toda a gente é afavel e toda a gente é antipatica; to-

da a gente é amorosa e toda a gente é odienta; toda a gente é honesta e toda a gente é deshonesta; toda a gente é nobre e toda a gente é baixa. Tudo questão de momento ou questão de interesse. Porque, fica-o sabendo de uma vez para sempre, é o interesse que impera em todo o mundo; entre os ricos como entre os pobres; entre os letrados como entre os iletrados. Se eu te dedico algum amor, se te quero só para mim, é porque o meu corpo, a minha alma, todo o meu sêr sente que sem ti a vida não será tão agradável. Se procuro satisfazer todos os teus caprichos, chegando até sonhal-os é porque receio que me abandones. Se eu soffro quando me mostras desdem é pelo temor que se apossa do meu espirito de que êsse desdem se fortifique e se torne absoluto. E, assim, vêes tu que é sempre para meu interesse e porque penso, portanto, no meu bem estar, que te quero mais do que se pode querer. Se eu ambiciono a tua companhia; se te peço que leias os meus escritos; se te trato amavelmente quando me procuras, é pelo interesse que tenho em te vêr junto de mim; é pelo interesse que sinto em vêr elogiados os meus artigos; é, finalmente, pelo interesse que experimento em que vás contribuindo para a minha sustentação. Não é verdade tudo isto, gentilíssima leitora, que n'este momento eu incarno absolutamente no sentimento que reproduzo?

Niger.

ver quem diga as Missas por tal preço».

O que nos interessa aqui, como facilmente se compreende é a afirmação de «não haver quem diga as missas por tal preço». Passava-se isto ahi por 1870. Ora, pelo que se vê já o egoismo predominava bem manifestamente e mesmo entre aqueles que, professando uma religião toda de bondade e desinteresse, como dizem, não se sujeitavam, no entanto, a dizer missas a cincoenta réis que, para o tempo, eram uma moeda bem regularmente valorizada. Coisas da santa religião!...

Entre revolução?

Os sidonistas, de mistura com monarchicos e bolchevistas, aunciam um movimento revolucionario para esta semana que principiará por assaltos ás casas de batota. Se o movimento ficasse por ali, teria, certamente, o apoio de toda a gente sensata que vê nas casas de batota o principal malestar do paiz. Mas não. Os assaltos ás batotas é o isco com que pretendem enganar o povo que não irá no lôgro por não conhecer os dirigentes do

movimento e o que eles pretendem.

Serviço dos comboios

O sr. Jorge Nunes, illustre ministro do commercio, aceitando a iniciativa das juntas de freguezia de Lisboa, vai aproveitar todo o material dos caminhos de ferro para o descongestionamento das mercadorias demoradas nas estações um dia por semana, devendo assim, n'esse dia, não haver comboios de passageiros.

Artur d'Oliveira

Tem passado bastante mal de saude êste nosso presado amigo e dedicadissimo correligionario de Canha. Felizmente sabemos ir melhor e achar se salvo do perigo que o ameaçava com o que muito folgamos.

Em nome de Deus

Faz ôje 419 anos que houve um auto de fé em Toledo. Saíram para a fogueira 38 pessoas das vilas de Herrera e Puebia de Alcover.

ANUNCIOS

Bordadora. Ensina

todos os bordados á maquina, sendo os seguintes: bordados a tule, renda ingleza, filé, bordado inglez, rechéliu, bainhas abertas, renda em tule, etc., etc. Dá lições em casa e fóra. Trabalha nos mesmos em encomendas. Dá informações na sua residencia: Estação dos Caminhos de Ferro — Aldegalega.

VENDE-SE

Uma morada de casas em altos e baixos sita ne Praça da Republica, com entrada pela mesma Praça, n.ºs 13 e 14, e pelo Beco do Forte, n.º 19.

Trata-se com Ladislau Durão de Sá.

EDITAL

Augusto Guerreiro da Fonseca, Presidente da Comissão Executiva da Camara Municipal d'este concelho, servindo de Administrador.

Faço saber que tendo sido requerido por José Joaquim dos Santos, negociante, morador n'esta vila, licença para um estabelecimento de preparação de carnes de gado suino, na rua Serpa Pinto, que se acha compreendido na 2.ª classe com a designação de mau cheiro, e em conformidade do artigo 6.º do decreto de 21 de Outubro de 1863, são convidadas todas as autoridades, chefes ou gerentes de quaisquer estabelecimentos e todas as pessoas interessadas a apresentarem n'esta administração dentro de 20 dias, a exposição de qualquer motivo de opposição que tiverem contra a concessão da mesma licença. E para constar, e nos termos do mesmo decreto, foram afixados dois editais do teor d'este, sendo um na porta da Administração e outro na da Camara Municipal.

Aldegalega, 22 de Janeiro de 1920.

O Prezidente da Comissão Executiva, servindo de Administrador do Concelho.

a) **Augusto Guerreiro da Fonseca.**

ANUAIS

das

Bibliotecas e Arquivos
Director — JULIO DANTAS
Publicação trimestral
Cada fasciculo de 80 páginas,
\$60 — Assinatura annual, 2\$00.
Pedimos á Biblioteca Nacional de Lisboa.